

O ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E O PAPEL DA TECNOLOGIA ASSISTIVA NA SALA DE AULA

Alene Mara França Sanches Silva¹
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Cintia Aparecida Ataíde²
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Ana Cláudia Sousa Mendonça³
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Eixo 3 – Acessibilidade: Tecnologia Assistiva e Comunicação Alternativa/Ampliada

RESUMO

O presente estudo de natureza qualitativa, consiste em apresentar a importância da Tecnologia Assistiva (TA), enquanto dispositivo facilitador para o desenvolvimento e aprendizagem de alunos com deficiência intelectual (DI). A problematização fundamentou-se a partir de um estudo de caso, na sala de aula regular, de uma Escola da Rede de Ensino Estadual em Aracaju/SE, onde foi confeccionada uma TA de baixo custo para ser utilizada por uma estudante de 15 anos diagnosticada com deficiência intelectual, cursando o 5º (quinto) ano do Ensino Fundamental, no ano de 2019. O mesmo dialoga com alguns autores como Galvão Filho (2016), Vigotsky (2007) e Silva (2016), respectivamente, a Tecnologia Assistiva como diferencial na vida de pessoas em situação de deficiência, proporcionando o desenvolvimento de habilidades e competências, as rotas alternativas na construção da aprendizagem e a necessidade de estímulos na efetivação dos saberes. Os resultados dessa intervenção apontaram que as ações educacionais realizadas possibilitaram acessibilidade e inclusão, viabilizando estratégias direcionadas para as limitações específicas da aluna, propiciando impactos positivos no processo de memorização, concentração, atenção e de leitura, pois são áreas afetadas que neutralizam a assimilação e acomodação das atividades sociais e de vida diária. Além disso, foi significativa a participação nas atividades propostas em sala de aula, a partir da inserção da Tecnologia Assistiva na sua rotina, a qual foi capaz de favorecer a superação ou diminuição das dificuldades de aprendizagem, potencializando uma efetiva construção do conhecimento. Assim, foi perceptível a melhora da autoestima e a ampliação da autonomia, estímulos advindos do uso do material pensado e elaborado para atender as necessidades educacionais da aluna com deficiência intelectual que implica aprendizado em um ritmo mais lento e na dificuldade de retenção de memórias de curto prazo.

¹ Mestranda em Educação, e-mail: alenemarasanches@gmail.com

² Doutoranda em Educação, e-mail: cintiaataide@yahoo.com.br

³ Doutoranda em Educação, e-mail: anaclaudiasm70@hotmail.com

Palavras-chave: Tecnologia Assistiva. Deficiência Intelectual. Inclusão. Práticas Docente.

1 INTRODUÇÃO

O aluno com deficiência intelectual (DI) geralmente encontra diversas barreiras para assimilação do objeto de conhecimento, podendo apresentar expressivas limitações na sua capacidade de interação social e nas relações interpessoais. Tais limitações são intensificadas quando associadas ao preconceito e desconhecimento, pois estigmatizam e subestimam as potencialidades e capacidades desse estudante. Essa visão compromete a inserção de práticas pedagógicas inclusivas, pois ao ingressar no sistema educativo, o aluno com deficiência se depara com paradigmas educacionais tradicionais e engessados, que reforçam a sua passividade, desconsiderando-o enquanto sujeito no processo de construção do saber (GALVÃO FILHO, 2016).

Essa realidade passa a ter uma repercussão negativa para o estudante com deficiência, tendo em vista que, reforça a dependência e submissão, inviabilizando a sua autonomia e a sua liberdade de pensar e agir. Conforme Vigotsky (2007) o desenvolvimento de uma criança com deficiência não é inferior ao de outra criança, mas diferente e singular, o grau de comprometimento dependerá da frequência e intensidade de estímulos e compensação social. Os obstáculos provenientes da deficiência precisam ser compreendidos enquanto um dispositivo de potencialidades, no qual através de “rotas alternativas” há um caminho que impulsiona as superações das limitações possibilitando a construção da aprendizagem (VIGOTSKY, 2007).

Nessa perspectiva, torna-se necessário elucidar práticas pedagógicas que apontem novas trajetórias de ampliação das possibilidades de otimização do capital intelectual do aluno com deficiência. Nesse sentido, a Tecnologia Assistiva poderá se apresentar como um mecanismo gerador de estímulos positivos na construção do conhecimento, tornando o processo de ensino e aprendizagem dinâmicos.

O conceito de Tecnologia Assistiva (TA) é proposto pelo Comitê de Ajudas Técnicas (CAT), o qual estuda esta área do conhecimento no âmbito da Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Este Comitê estabelece que:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2009, p. 9).

A definição de TA abarca tanto produto ou recurso, como também as estratégias, metodologias e práticas de serviços que promovam a acessibilidade. De acordo com Galvão Filho (2016, p. 313), “não basta que uma tecnologia seja útil para a autonomia da pessoa com deficiência para que ela possa ser automaticamente classificada como Tecnologia Assistiva”. Nessa perspectiva, o uso dessa tecnologia deve ter a especificidade de “compensar ou atenuar as sequelas das barreiras ou comprometimentos advindos de uma deficiência, incapacidade ou mobilidade reduzida, favorecendo sua atividade e participação” (GALVÃO FILHO, 2016, p. 313).

Nesse sentido, a Tecnologia Assistiva se configura como um dispositivo que visa minimizar ou superar as dificuldades funcionais, visando consolidar maior autonomia no desempenho de tarefas executadas pela pessoa com deficiência. Assim, é possível com o apoio do recurso, compreender a especificidade da limitação que o estudante possui, e potencializar habilidades para a superação das barreiras e ampliação de acesso para promoção de um aprendizado significativo, bem como fortalecimento de vínculos psicossociais.

Alves e Matsukura (2011) retratam que, o uso de recursos de Tecnologia Assistiva no contexto escolar é indicado para favorecer a execução de tarefas, o acesso aos conteúdos pedagógicos e aos ambientes escolares, auxiliando consequentemente, a aprendizagem dos alunos com deficiência. “Tecnologia Assistiva diz respeito à pesquisa, fabricação, uso de equipamentos, recursos ou estratégias utilizadas para potencializar as habilidades funcionais das pessoas com deficiência” (BRASIL, 2009, p. 11). Essas adaptações pedagógicas são capazes de garantir ao aluno sua integração social e acessibilidade ao conhecimento.

A Tecnologia Assistiva auxilia no processo de desenvolvimento global dos estudantes com deficiência, pelo fato de proporcionar ou ampliar habilidades funcionais e, conseqüentemente, promover vida independente e inclusão (AZAMUR *et al*, 2016). Mediante contexto, surge então o seguinte questionamento: Que Tecnologia Assistiva poderia minimizar ou neutralizar as dificuldades de aprendizagem do aluno com deficiência intelectual?

Partindo das considerações descritas, torna-se necessário conhecer os recursos e estratégias que auxiliam na superação das limitações de aprendizado e que conseqüentemente neutralizam as barreiras que impedem a construção do conhecimento. Pois, é na instituição escolar que o aluno irá adquirir os saberes que o tornarão apto a exercer sua cidadania. Dessa maneira, torna-se relevante problematizar sobre a TA nas práxis pedagógicas para o aluno com deficiência intelectual, tendo em vista que, práticas inclusivas desempenham papel fundamental na aprendizagem e qualidade de vida desse estudante.

Este estudo tem como objetivo refletir sobre as implicações da Tecnologia Assistiva nas práxis docente e problematizar a construção de ambientes efetivos de inclusão e acessibilidade de estudantes com deficiência intelectual na sala de aula regular.

2 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E A TECNOLOGIA ASSISTIVA

A terminologia “deficiência intelectual” é relativamente recente, sendo utilizada em substituição a “deficiência mental” ou “retardo mental”, pois nos últimos anos, vários organismos promoveram a modificação terminológica, possibilitando a expansão da nomenclatura “Deficiência Intelectual” (SASSAKI, 2005).

A definição de DI representou uma dificuldade no cenário educacional nacional, e hodiernamente, o Brasil tem adotado a terminologia preconizada pela *American Association on Intellectual and Developmental Disabilities* (AAIDD), que na tradução para o português quer dizer, Associação Americana de Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento, a qual preconiza a mudança do termo de retardo mental para deficiência intelectual (VELTRONE; MENDES,

2012). O novo termo é defendido pela AAIDD argumentando que este reflete de maneira plausível as mudanças de constructos propostas pela entidade, além de alinhar-se com as atuais práticas profissionais focadas nos comportamentos funcionais e nos fatores contextuais, sendo menos ofensivo à pessoa (AAIDD, 2010).

A nomenclatura deficiência intelectual, portanto, é utilizada para diagnósticos relacionados ao desenvolvimento intelectual, geralmente associada ao funcionamento cognitivo e do comportamento adaptativo. É importante destacar que, o manual estatístico e diagnóstico de transtornos mentais – DSM-5 (2014, p. 33) caracteriza a DI pelo déficit do funcionamento intelectual, tendo como respostas dificuldades nas funções relacionadas ao “[...] raciocínio, solução de problemas, planejamento, pensamento abstrato, juízo, aprendizagem acadêmica e aprendizagem pela experiência [...]” dentre outros.

De acordo com o DSM 5 a deficiência intelectual ou transtorno do desenvolvimento intelectual, é um transtorno no período de desenvolvimento, que inclui déficits funcionais, tanto nas áreas intelectuais quanto nas áreas adaptativas, nos domínios: conceitual, social e prático. Por domínio conceitual compreende-se as habilidades relacionadas à memória, linguagem, leitura, raciocínio lógico matemático, resolução de problemas, entre outros, já o domínio social envolve as características de empatia, comunicação interpessoal, julgamento social, amizades, etc., e por último o domínio prático que envolve os cenários da vida cotidiana, onde é averiguado os cuidados pessoais, responsabilidades escolares/profissionais, controle do dinheiro, autocontrole comportamental (ATAIDE; SOUZA, 2018, p. 143-144).

Contudo, relevante destacar que, as limitações cognitivas e adaptativas da população com deficiência intelectual variam de pessoa para pessoa. Nesse sentido, não existe um perfil típico ou padronizado de personalidade e comportamento deste público (MALAQUIAS, 2012). Portanto, cada aluno com DI, possui necessidades educativas conforme as suas especificidades. No entanto, estes estudantes costumam apresentar inúmeras dificuldades nas interações que realizam com o meio para assimilar os componentes físicos do objeto de conhecimento, pois eles apresentam prejuízos no funcionamento, na estruturação e na reelaboração do mesmo (BATISTA; MANTOAN, 2007).

No entanto, essas dificuldades de assimilação e aquisição do conhecimento por parte dos alunos com Deficiência Intelectual, podem ser minimizadas ou neutralizadas por meio da TA. A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) elucida que,

Tecnologias Assistivas “é um termo utilizado para identificar todo e qualquer recurso que facilita ou amplia habilidades de uma pessoa com deficiência. Elas podem ser usadas tanto para mobilidade, quanto para acessar uma informação” (BRASIL, 2015, p. 14), proporcionando dessa maneira, a promoção da acessibilidade.

Relativo ao Direito à Educação, a LBI destaca em seu artigo 28, a necessidade de adoção de medidas individualizadas e coletivas em ambientes que potencializem o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência, oportunizando o acesso, permanência, participação e aprendizagem em instituições escolares. Esse artigo ressalta ainda, a necessidade do desenvolvimento de estratégias e técnicas pedagógicas, de materiais didáticos, de equipamentos e de recursos de Tecnologia Assistiva, ressaltando a importância da implementação dos mesmos e serviços de acessibilidade (BRASIL, 2015).

Para uma efetiva inclusão escolar, torna-se essenciais adequações pedagógicas nas salas de aula regulares para os alunos com deficiência, tendo em vista que, cada estudante possui uma especificidade, um modo particular de apreensão e aquisição de conhecimentos. E para isso, se faz necessário que o docente esteja atento às necessidades dos seus alunos, com um olhar voltado para as possibilidades do educando com deficiência, visando à igualdade de acesso à informação nas instituições escolares.

2 METODOLOGIA

Neste estudo utilizou-se uma abordagem metodológica qualitativa, que do ponto de vista dos seus objetivos, se constitui como exploratória, a qual possui “[...] como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51-52). Esta pesquisa possui procedimento bibliográfico e a utilização de estudo de caso, o qual “consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 60).

O estudo foi realizado em uma sala de aula regular, onde foi confeccionada uma Tecnologia Assistiva de baixo custo, como dispositivo facilitador para o desenvolvimento e aprendizagem de uma aluna de 15 anos, diagnosticada com deficiência intelectual, cursando o 5º ano do Ensino Fundamental em uma Escola Estadual, localizada no município de Aracaju/SE, durante o ano de 2019.

Dentre as principais necessidades da estudante verificou-se dificuldade de memorização, de assimilação e demasiada lentidão no entendimento da informação recebida, necessitando de apoio de imagens para compreensão de uma história, bem como, slides com mais figuras e menos texto. A aluna encontrava-se na fase silábico-alfabético, em que ora utilizava uma letra para cada sílaba, ora reconhecia os fonemas das palavras empregando-os na escrita, com grande dificuldade na associação de sílabas complexas e na realização de hipóteses de leitura e escrita. Apresentava esforço ao ler palavras ou quantificar objetos, mas ao perceber a sua dificuldade sentia-se angustiada e desestimulada ficando abalada emocionalmente. A sua participação nas aulas acontecia somente quando incentivada, respondendo a perguntas simples sobre o que estava sendo apresentado, porém em poucos minutos esquecia, apresentando um comprometimento significativo nas atividades que necessitavam da memória de curto prazo. Em relação ao desenvolvimento psicológico apresentou imaturidade psicoemocional.

Nesse ínterim, foi observado que a aluna se sentia incapaz e fragilizada emocionalmente, necessitando constantemente de palavras de incentivo para elevar sua autoestima e autoconfiança. Não gostava de desenhar, pois tinha dificuldade de criar e se apropriar do imaginário, possuindo muita dificuldade de abstração. Contudo apreciava brincadeiras de danças e musicalização.

A partir da experiência vivida em sala de aula com essa discente, foi constatado que, para uma melhor compreensão do saber e aquisição da leitura, a aluna necessitava a todo tempo de apoio visual, bem como, de materiais concretos, e de algo que ela pudesse construir, interagindo e vivenciando com objetos. Para minimizar a grande dificuldade de memorização e proporcionar maior segurança e acessibilidade educacional a essa aluna, foi

elaborada uma Tecnologia Assistiva de baixo custo, para facilitar aquisição da leitura e a melhora da memória de curto prazo. Tendo em vista que, sua aprendizagem estava apoiada no concreto, a TA de baixo custo visava em facilitar o processo de aprendizagem da leitura e o processo de memorização. Através da visualização de imagens, a estudante fazia a associação direta das figuras com as palavras, estimulando seu aprendizado.

A Tecnologia Assistiva de baixo custo construída para atender as necessidades da discente, consistiu na utilização de imagens e palavras do seu dia a dia, que foram fixadas ao velcro das páginas plastificadas de um fichário. Com esse recurso, a aluna pode exercitar a formação de várias frases do seu cotidiano através das imagens, que logo após a sequência de figuras, a mesma utilizava os cartões de palavras associando-os às imagens para a formação da frase. Assim, após a sua própria construção por meio da sequência organizada dos acontecimentos com apoio de ilustração, a aluna encaixava as palavras correspondentes ao que está posto em cada imagem e tem uma frase formulada por meio da associação entre figuras e palavras, as quais contribuem para a aquisição gradativa da leitura.

Dessa maneira, no intento de uma aprendizagem significativa objetivando transmitir segurança e motivação com maior qualidade de vida a aluna, cada página do fichário era composta conforme a sua rotina e palavras do seu vocabulário. Desse modo, o fichário apresentava inicialmente três páginas, contendo imagens correspondentes à sua rotina matinal, vespertina e noturna. Outras páginas correspondiam à sua rotina escolar na sala de aula, recreio, educação física, informática e atividades de aula campo; e algumas páginas com imagens relativas às atividades realizadas durante o final de semana, e outras com atividades que eram realizadas de forma esporádica, como ir ao médico, dentista, lazer, visita a familiares, ensaios de coreografias e músicas na igreja.

A partir da utilização dessa TA de baixo custo, adaptada para ser utilizada conforme as suas necessidades individuais, foi observado que, em sala de aula, a estudante se sente mais segura e estimulada na formulação de hipóteses de associação e leitura de imagens e palavras que são de uso

frequente em suas ações diárias. Além disso, ao tentar fazer a leitura das fichas diariamente, com palavras que eram da sua rotina diária, a sua memória era estimulada e reativada cada vez que fazia uso do seu fichário.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a intervenção por meio do uso da Tecnologia Assistiva com a aluna com DI na sala de aula regular, foi notório o estímulo e motivação dela ao utilizá-lo em casa e na escola, visto que, o uso dessa estratégia, melhorou a autonomia no aprendizado e foi um dispositivo importante para o desenvolvimento da leitura e escrita. Tendo em vista a grande dificuldade no processo por meios convencionais, devido aos transtornos de concentração, memorização e motivação, a TA foi uma ferramenta relevante para essa aluna, pois interferiu no desenvolvimento de habilidades cognitivas facilitando a apreensão do saber por meio dos estímulos.

Na maioria das vezes, as pessoas com DI não realizam as atividades com independência devido às contingências a que estão submetidas em seu contexto familiar e comunitário. Verifica-se então a importância e necessidade de fornecer subsídios para que elas tenham oportunidade de se tornarem mais independentes e autônomas e conseguirem participar de forma ativa na sociedade (ZUTIÃO; ALMEIDA; BOUERI, 2017, p. 6).

É importante destacar que, um ambiente emocionalmente positivo, com estratégias e recursos que transmitam motivação e confiança, influencia na aquisição do saber. Nesse sentido, o olhar para o educando com deficiência intelectual deve ser para as suas possibilidades no intento de adequar métodos e estratégias que neutralizem as barreiras da aprendizagem. A TA para os alunos com DI pode ser uma ferramenta para o desenvolvimento e construção de repertórios de habilidades cognitivas, sendo facilitadora para a superação de suas limitações na leitura, escrita e na realização de tarefas do dia a dia, oportunizando sua independência e interação.

No aprendizado da criança com deficiência é preciso considerar as lacunas ocorridas no desenvolvimento. De acordo com Silva (2016), geralmente a criança com DI tem déficit na comunicação, na linguagem, no esquema corporal e na função executiva, e por esses motivos podem apresentar dificuldade em planejar e executar, necessitando de mais tempo, mais

repetição e de estímulo para a aprendizagem. Segundo Guilhoto (2017, p.12), “pessoas com DI ou com outros tipos de deficiência demandam uma necessidade intensa de apoios, auxílios ou adaptações para participar de atividades da vida diária valorizadas na sociedade”. Nesse sentido, as ações do professor devem ser pautadas por um ensino diferenciado que possibilitem a melhora de seu desempenho e contemplem suas habilidades para aprendizagem (SILVA, 2016).

A Tecnologia Assistiva na sala de aula, portanto, auxilia na superação de dificuldades de aprendizagem, bem como favorece o processo de desenvolvimento, pois tem por objetivo criar soluções que irão facilitar a execução de atividades educativas e sociais, propiciando alternativas que permitam o maior acesso ao conhecimento, oportunizando maior autonomia de aprendizagem dos alunos com deficiência. Aliar a TA na prática pedagógica tem relação com a identidade, autonomia, exercício de direitos e qualidade de vida das pessoas com deficiência, os quais englobam produtos, serviços e equipamentos (de baixo, médio e alto custo) que são relevantes para melhorar a funcionalidade das limitações advindas da deficiência, garantindo o exercício pleno de cidadania desta população.

Faz necessário pensar em novas dimensões para a escola inclusiva, onde a deficiência intelectual possa ser compreendida além das limitações. É relevante romper com os estigmas sociais e construir maiores possibilidades de autonomia e desenvolvimento do aluno com deficiência, concebendo-o enquanto um sujeito ativo dos seus processos. Na perspectiva de uma estratégia inclusiva, os recursos desenvolvidos de TA vem demarcando novas possibilidades de acessibilidade, proporcionando maior autonomia, valorização e integração, viabilizando que os alunos com deficiência tenham resguardados os seus direitos humanos garantidos por lei (BRASIL, 2009). Nesse sentido, a TA ampliará as potencialidades da deficiência intelectual, favorecendo uma aprendizagem mais autônoma e promovendo maiores oportunidades de inclusão para além do muro da escola.

De acordo com o estudo de Vygotsky (1997), a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) objetiva amplificar a aprendizagem por meio de mediações que

potencializem as funções psicológicas superiores. A ZDP é definida pelo autor como a distância entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial. A contribuição mais relevante de Vygotsky nesse âmbito é o reconhecimento de que as limitações da pessoa com deficiência intelectual têm origem em suas respostas sociais. E por isso, a necessidade de serem planejadas estratégias atrativas e dinâmicas no que se refere a alfabetizar a criança com deficiência intelectual ou dificuldade de aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo foi possível depreender que, para auxiliar a pessoa com deficiência intelectual é importante que o professor utilize métodos e recursos adequados para as necessidades do aluno, tendo em vista que, cada estudante possui limitações cognitivas e adaptativas específicas, necessitando de estratégias educativas diferenciadas conforme a sua especificidade. Nesse sentido, a Tecnologia Assistiva objetiva minimizar ou neutralizar as limitações e obstáculos advindos da deficiência, proporcionando inclusão e acessibilidade.

Dessa maneira, torna-se relevante compreender a importância de inserir Tecnologias Assistivas no âmbito escolar para os alunos com Deficiência Intelectual, pois práticas pedagógicas que valorizam as possibilidades e potencialidades dos educandos garantido acessibilidade, apresentam-se como eficazes na construção dos conhecimentos por parte dos discentes, mostrando que eles são capazes de ampla autonomia, tornando o processo de ensino e o aprendizado efetivamente inclusivo.

A Tecnologia Assistiva aplicada ao estudante com Deficiência Intelectual é capaz de favorecer a superação ou diminuição das dificuldades de aprendizagem, em que a partir de um modo bastante particular potencializa uma efetiva construção do conhecimento, viabiliza estratégias, recursos e/ou serviços inovadores capazes de neutralizar as barreiras que impedem o acesso à informação ou aquisição do saber.

REFERÊNCIAS

- AAIDD. 11th Edition. **Intellectual disability**: definition, classification, and systems of supports. Washington, AAIDD, 2010.
- ALVES, Ana Cristina J. Alves; MATSUKURA, Thelma S. A Tecnologia Assistiva no contexto da escola regular: relatos dos cuidadores de alunos com deficiência física. **Distúrb Comun**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 25-33, abril, 2011.
- ATAIDE, Cintia Aparecida, SOUZA, Rita de Cácia Santos. **A deficiência intelectual e as dimensões familiares**: desafios emergentes. In: SOUZA, Rita de Cácia Santos (org.). A aprendizagem e deficiência intelectual em foco: discussões e pesquisas. Aracaju: Criações, 2018. p. 139-158.
- AZAMUR, Mirian *et al.* **Deficiência intelectual**: tecnologia assistiva e a comunicação. 2016. Disponível em: <
<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-praxis/pdf/n5/ed-esp-deficiencia-intelectual-tecnologia-assistiva-e-a-comunicacao.pdf>> Acesso em 12 jul. 2018.
- BATISTA, Cristina Abranches Mota; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Mental**. IN: GOMES, Adriana L. Limaverde *et al.* Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Mental. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.
- BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão (LBI)**. Lei 13.146/15 de 06 de julho de 2015.
- BRASIL. **Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência**. Comitê de Ajudas Técnicas Tecnologia Assistiva. Brasília: CORDE, 2009. 138 p.

DSM-5. **Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.**

American Psychiatric Association. Tradução: NASCIMENTO, Maria Inês Corrêa et al. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p.

GALVÃO FILHO, Teófilo. **Deficiência intelectual e tecnologias no contexto da escola inclusiva**. In: GOMES, Cristina (org.). Discriminação e racismo nas Américas: um problema de justiça, equidade e direitos humanos. Curitiba: CRV, 2016, p. 305-321.

GUILHOTO, Laura M. F. Ferreira. Avaliação da necessidade de apoios para pessoas com Deficiência Intelectual. **Revista Deficiência Intelectual – DI**, ano 7, n. 11, Janeiro/Junho. 2017. p. 12-14.

MALAQUIAS, Fernanda Francielle de Oliveira. **Realidade Virtual como Tecnologia Assistiva para alunos com deficiência intelectual**. 2012. 112f. Tese de Doutorado (Doutorado em Engenharia Elétrica). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Atualizações semânticas na inclusão de pessoas: Deficiência mental ou intelectual? Doença ou transtorno mental? **Revista Nacional de Reabilitação**, v. 9, n. 43, p.9-10, mar./abr., 2005.

SILVA, Cláudia Mara. **Alfabetização e Deficiência Intelectual: Uma Estratégia diferenciada**. Paraná: SEED, 2016. Disponível em: <

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/julho_2016/dee_anexo3.pdf> Acesso em: 10 set. 2020.

VELTRONE, Aline Aparecida; MENDES, Enicéia Gonçalves. Impacto da mudança de nomenclatura de deficiência mental para deficiência Intelectual.

Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 3, n. 2, p. 448-450, jul./dez., 2012.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. (Org.) Michel Cole et al. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro AAfeche. 7.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZUTIÃO, Patricia; ALMEIDA, Maria Amelia; BOUERI, Iasmin Zanchi. Avaliação da intensidade de apoios em condutas adaptativas de jovens com Deficiência Intelectual. **Revista Deficiência Intelectual – DI**, ano 7, n. 11, Janeiro/Junho.

2017. p. 4-11.